

centro de estudos
regianos

ESTUDOS REGIANOS

JUNHO | DEZEMBRO 2004 · NÚMERO 12 | 13
(II SÉRIE)

O Príncipe com Orelhas de Burro de José Régio: um conto filosófico

Mais ce qui surprenoit tout le monde en entrant,
C'est qu'au lieu le plus apparent,
Un maître âne étaloit ses deux grandes oreilles
Perrault, *Peau d'âne*

I vari casi, la pena e la doglia
che sotto forma d'un Asin soffersi,
canterò io, pur che fortuna voglia.
Niccolò Machiavelli, *L'Asino*

265

Poderia representar *O Príncipe com Orelhas de Burro* uma utopia, como foi várias vezes apontado pela crítica ⁽¹⁾? Veria este texto a colmar uma lacuna nas letras portuguesas sobre a qual ainda tanto se discute? Acho que não, José Régio nunca teve vontade de escrever um conto utópico, mesmo aproveitando inevitavelmente alguns elementos do género. Ele escreveu – e cito as suas próprias palavras – uma «história para crianças grandes» ⁽²⁾. Trata-se – como já sublinhou Barbara Spaggiari ⁽³⁾ – de um conto tradicional, mas não só.

Vários são os motivos que me levam a não concordar com a hipótese de uma utopia. O género utópico tem elementos característicos e imprescindíveis ausentes no texto de Régio, como, por exemplo, o espírito social que envolve toda a nação e não simplesmente um indivíduo. Aqui o Príncipe-protagonista tem uma crise de consciência que vai redundar numa reflexão sobre a sociedade, mas não é assim para o povo que no final – quando o Príncipe pronunciará publicamente um discurso sobre a reforma moral destinada ao país – demonstra desconfiança não só em relação às suas palavras, mas também à sua saúde mental. Além disso a mensagem social não é subversiva já que o Príncipe gostaria de melhorar as condições (sobretudo morais) do seu povo e não de transformar completamente a sociedade. Por fim, o aspecto mais inconciliável é o elemento mágico (representado pelo Génio que desempenha o papel mais importante, plasmando a vida do príncipe desde o nascimento). Pelo contrário, a utopia é eminentemente humana e terrena e não admite intervenções externas da esfera do sobrenatural. A magia que afasta inevitavelmente *O Príncipe com Orelhas de*

Burro do género utópico, aproxima-o vice-versa do conto tradicional, e sobretudo do conto de magia, estudado por Vladimir Propp na sua *Morfologia do Conto* (4).

Um rapidíssimo resumo ajudar-nos-á a compreender quais são os elementos que correspondem à *Morfologia* de Vladimir Propp.

Depois da tradicional apresentação da situação inicial, que corresponde à descrição do casal real estéril, o conto entra in *medias res* com o afastamento de casa da rainha. Neste texto o afastamento não implica simplesmente Leonel, o príncipe protagonista do conto, mas toda a sua família. Antes a rainha Elsa mete-se a «caminho em direcção ao imenso bosque» (5) (primeiro afastamento). O bosque, a obscuridade e impenetrabilidade da floresta, é – como sabemos todos – um elemento mítico e recorrente nos contos. Aqui ela vai encontrar o meio mágico, ou seja o Génio da floresta que lhe permitirá ter um filho. O Génio é – segundo a terminologia de Propp – o doador, ou seja a pessoa que procura e doa o meio mágico. Habitualmente trata-se de uma bruxa, mas aqui é um génio. A função desta personagem está estritamente ligada com a imagem da morte, já que ajuda o herói a superar o rito de iniciação, ou seja a passagem da adolescência à idade adulta e este rito coincide com a maturidade sexual do herói. No conto de José Régio temos então uma rainha que não conseguindo ter filhos pede ajuda a um ser com poderes sobrenaturais, mas ela pagará a dívida com a sua vida, enquanto que o menino a pagará com um par de orelhas de burro que lhe ornarão a cabeça (função: dano). O rei decide então esconder as orelhas do menino com um turbante e esta ideia fantasiosa torna-se imediatamente moda na corte. Este subterfúgio explica também porque é que o príncipe ignorou durante anos a sua peculiaridade asinina (função: proibição/segredo). Passados os primeiros anos o menino precisa de um preceptor. Não encontrando ninguém a quem confiar a educação do príncipe, o rei percorrerá o mesmo itinerário da mulher amada. Eis o 2.º afastamento que corresponde na terminologia propiana ao afastamento dos idosos, em oposição ao afastamento do herói, habitualmente novo. Dirigindo-se para lá do Parque, o Rei encontrará o Génio que se vai tornar o preceptor do jovem Leonel. Os anos passam, o príncipe demonstra aptidões para tudo: ciências, filosofia, desporto... E finalmente chega à idade de encontrar uma princesa digna dele. É o momento da tragédia que coincide com o rito de iniciação, ou seja com a morte do jovem e o consequente nascimento do homem adulto. Até aí o jovem Leonel tivera uma vida despreocupada: estudava, discutia filosofia, mas continuava fechado no seu mundo doirado de herdeiro ao trono, sem nenhum contacto com o mundo real. A descoberta das orelhas, o desespero, levam-no à fuga do palácio paterno (3.º afastamento). Dois dias depois, quando regressa, já não é o adolescente, mas um homem que viu nos outros a dor e que a sofreu pessoalmente. É também um futuro governante mais atento aos problemas do povo, às suas esperanças e desilusões. Se *O Príncipe com Orelhas de Burro* acabasse aqui, aderiria perfeitamente às funções do conto de magia com o habitual *happy end*. E se não tivesse chegado a morte, Leonel

teria encarnado o príncipe perfeito do título e das palavras proféticas do Génio pronunciadas pouco antes do seu nascimento: «Pois a prenda que lhe eu dei é que tenha um defeito hediondo, capaz de corrigir todas as vossas prendas (6): Será um príncipe perfeito com orelhas de burro!» (7). Um príncipe perfeito no sentido renascentista da expressão, uma figura sobre a qual discutiram, no Velho Continente, filósofos e literatos na esperança de um mundo melhor e que em Portugal foi encarnada por D. João II, o *Príncipe Perfeito*. Portanto «a história para crianças grandes» de José Régio, já não é uma utopia, nem apenas uma história, mas torna-se um conto filosófico na esteira do *Candide ou de l'optimisme* de Voltaire. A reflexão filosófica do Autor concentra-se no poder, no casamento, mas sobretudo na dicotomia aparência/realidade. O objectivo de Régio é sublinhar, mais uma vez, a luta entre a aparência e a verdade, e vai ainda mais fundo quando também a aparência, ou seja a imagem que os homens querem dar de si, é posta em dúvida. O príncipe nasceu com orelhas de burro, mas nem ele sabia que as tinha até quando o Aio decidiu desvelar-lhe a verdade. Neste sentido a própria aparência ficou alterada, alterada por causa da falta de conhecimento. O jogo é duplo. Sabemos que Leonel tinha noções variadas e profundas, chegando mesmo a escrever um tratado em latim sobre as relações «do psíquico e do fisiológico no homem genial» (8). Mas faltava-lhe ainda o conhecimento de si próprio e do ser humano em geral. Só o rei, o aio, a ama (que desaparece quando da chegada do preceptor) e a rainha (morta prematuramente) conheciam a verdade relativamente a Leonel: o rei porque velho e sábio; o aio enquanto elemento sobrenatural. E as duas mulheres, ao desaparecerem, levam o segredo com elas. Como já referiram Fátima Marinho e Cristina Almeida Ribeiro o papel das mulheres na obra regiana é sempre muito limitado (9). No mundo da Traslândia só uma pessoa suspeita. É Rolão Rebolão, o bobo – «monstro sem pernas que só andava como o seu nome indica» (10) – sabe algo, imagina, capta enquanto artista e enquanto louco. A sabedoria é, portanto, possuída por três categorias: o velho rei, o génio, o poeta; três categorias que representam as colunas da sociedade: a política, o sobrenatural e a arte, com a sua deriva de loucura. Os outros – como os cortesãos mas também o povo – ignoram, e nem têm curiosidade, satisfeitos com os pequenos enganos deles, despreocupados com o homem, interessados somente no exterior, nas aparências.

Graças à sua educação, ao contacto diário com o Aio, o príncipe não é parecido com os cortesãos. Mas a sua superficialidade – devida a uma vida feliz – é comparável à dos cortesãos.

As orelhas de burro exercem um papel importante na tomada de consciência do príncipe como profetizara o Génio. As orelhas representam para ele a dor, a vergonha, a consciência de não corresponder à imagem que ele tinha feito de si próprio e o medo de se confrontar com os outros, de não corresponder à imagem que as pessoas têm dele. E se no conto tradicional a luta do herói é contra o malvado, um elemento exterior (porque o perigo chega sempre do exterior), aqui a luta é interiorizada, é

contra o seu *alter ego*. Voltando ao castelo depois de ter encontrado três personagens alegóricas – Pata Rachada, Sancho Legista e o homérico cego –, a luta do Príncipe concentra-se contra o antigo Leonel, e assim – em oposição ao baile luxuoso, aos vestidos preciosos, às conversas cultas mas vazias – ele escolhe uma vida mais sossegada e essencial. E, no final, despendo-se de todo o supérfluo, decide revelar ao povo o seu hediondo segredo com uma declaração programática: «Não posso começar o meu reinado sob o signo da hipocrisia, da falsidade, da dissimulação, da duplicidade, da mentira... Bem sei que estas forças diabólicas governam o mundo. Mas sonhei um bocadinho do mundo em que elas não governassem. Esse bocadinho seria o nosso reino de Traslândia; e de aqui se propagaria ao resto do mundo a grande revolução, a única revolução progressiva, que é a dentro de nós contra a nossa depravação» (11). Mas o príncipe, enfim perfeito, não consegue levar a termo o seu projecto porque morre, resolvendo contudo o seu conflito pessoal e, como dizia Casais Monteiro: «O homem é adversário de si mesmo [...] Quando o conflito acaba, o homem acaba» (12).

268 Mas porque escolher um detalhe tão grotesco para ensinar a vida ao Leonel? Há uma única personagem que durante o livro fala explicitamente de «orelhas de burro» (13): o Aio, ou seja o doador, que lhe atribuiu aquelas grotescas apêndices. O rei Rodrigo, quando pela primeira vez repara nas esquisitas orelhas do filho, estranha: «Eram, até, de um tamanho pouco natural para um recém-nascido. Além de que não tinham bem o formato normal, pois antes diríamos pontiagudas, e com tendência a se dobrarem nas extremidades [...] O pior é que as revestia um pelozinho escuro, quase basto, extravagante em orelhas de qualquer ser humano, e absolutamente incompatível com o arrepio de penugem fina, loira, que doirava a cabecinha mimosa» (14). E depois, vendo crescer as orelhas anómalas, o bom rei Rodrigo falará de «orelhas de bicho... Porque não havia dúvidas: Com efeito eram umas orelhas de bicho, uma espécie de miniatura das orelhas de um pobre bicho muito conhecido, muito simbólico», e também «grotesco defeito» ou «monstruosidade do filho» (15). E o príncipe depois de ter descoberto as suas orelhas nunca terá coragem de pronunciar o nome fatal do animal e defini-las-á: «peludas, compridas, aguçadas, cartilagineas – tal-qualmente as do bom animal nosso amigo que todos injuriamos» (16) e depois «nojentos apêndices», «mistério vergonhoso», «pobres orelhas», «monstruosas orelhas dobradas nos cabelos», «burlescos apêndices» (17). E referindo-se a si mesmo depois da descoberta «obra-prima falhada», «monstruosidade», «bestialidade» (18). Nem o príncipe, nem o pai têm coragem de falar da realidade, escondendo-se atrás de descrições ainda mais cruéis, incapazes de chamar as coisas pelo seu próprio nome (*nomina sunt res*). Somente no final, depois de ter atingido a maturidade e como homem de estado, Leonel terá coragem não só de chamar as suas orelhas pelo seu próprio nome, mas também de as mostrar para que o seu reino possa começar uma nova época em que não se escondam os defeitos mas se corrijam.

Em conclusão, este texto não é uma utopia. Partilha vários elementos com o conto de magia mas distingue-se pela falta de maniqueísmo que caracteriza esse tipo de narração, onde o herói se contrapõe sempre ao antagonista: o herói é bom por definição enquanto que o antagonista é malvado. No conto filosófico a personagem segue um itinerário de aprendizagem material e moral, inexistente no conto tradicional onde talvez o valor mais elevado é a inteligência prática, a sagacidade, a astúcia. Esta «história para crianças grandes» convida-nos a reflectir sobre os grandes temas da vida com um estilo límpido e imaginoso dando-nos a ilusão de voltar a ser criança apesar das nossas angústias.

Guia Boni

